

Mais veneno, menos veneno

por Machado da Graça

N. 17/3/92

Tenho o maior respeito pelo meu colega Luís José Loforte, de quem sou leitor fiel. Normalmente concordo com as ideias principais das suas crónicas, embora, por vezes, não com questões de pormenor.

Por vezes, no entanto, não concordo, em absoluto, com uma das crónicas. Talvez, por coincidência, ou talvez não, aconteceu com as duas crónicas que meteram veneno no título. Aqui há uns tempos foi o "Presente Envenenado" e agora são os "Acenos venenosos".

Sobre o primeiro transmiti a minha opinião em particular. Desta vez acho que o devo fazer em público. Os factos referidos foram públicos, as afirmações de Luís Loforte públicas foram e acho que pública deve ser também a minha posição.

Fui das pessoas que estiveram nessa sessão, sou jornalista e fiz intervenções fortemente críticas a algumas posições do dr. Domingos Arouca, pelo que me parece que Luís Loforte me incluí na lista dos seus «sectores privilegiados», «ardilosos» e «insinuativos», «anti-partidos emergentes», com «auto-credenciamento militante na defesa do partido Frelimo».

Vou começar por este último aspecto. Nunca fui membro do partido Frelimo, embora tenha sido simpatizante durante muito tempo. Neste momento não o sou, nem como tal me apresento.

Sobre o pertencer ao sector privilegiado, qualquer pessoa que conheça o meu nível de vida se rirá da ideia. Muito agradeço, de vez em quando, ao próprio Loforte quando me dá a boleia no seu carro, que é coisa que há muitos anos não tenho.

Que sou contra os partidos emergentes, também não é verdade. Tenho até alguma simpatia por um deles, embora me pareça que ainda não está preparado para governar. Mas apresenta-se com seriedade, não diz disparates e faz críticas pensadas com cabeça e não com os pés.

O que eu não aceito, Loforte, é o bando de medíocres emergentes que proliferam como cogumelos em terra adubada. Os ignorantes, valdosos e oportunistas que procuram sobressair agora, a pretexto da abertura política.

Agora em relação ao dr. Domingos Arouca a questão até foi diferente. Não o conhecia antes senão de ouvir falar. Tinha até curiosidade de ver se dele poderia vir o dirigente de oposição que ainda não surgiu, na minha opinião. Fiquei de pé atrás com as declarações, feitas à chegada, que incluíam felicitações a Renamo, mas a minha atitude era, essencialmente, de expectativa.

Quando a sessão começa e se abre à participação sobre a questão da educação, como o Loforte recordará, fez-se o silêncio. Ninguém falou. E foi a mesa quem propôs, com o acordo do dr. Arouca, que se pudesse falar de qualquer outra questão. Não

foram as astúcias dos jornalistas que desviaram o encontro para o pensamento político global do orador. Foi uma proposta da mesa, com a anuência do orador.

E quando este inicia um ataque à Frelimo, afirmando que ela só dava valor a pessoas que andassem sujas e com a barba por fazer, isso, como dizem os brasileiros, tirou-me do sério. Por um lado porque uma das minhas críticas de sempre à Frelimo é, precisamente, por se meter a mandar cortar cabelos e outras coisas do mesmo género. Por outro lado, quando o mesmo dr. Arouca afirmou que foi convidado pelo Presidente Samora Machel para integrar o governo, fiquei com vontade de saber se, nessa altura, o dr. Arouca andaria por aí sujo e despenteado, de barba por fazer, para merecer o convite.

Ao longo daquela sessão fiquei esclarecido. E, como eu, ficaram muitas pessoas que lá estiveram. O dr. Arouca é, sem dúvida, uma pessoa inteligente, mas está completamente desactualizado no que diz respeito à actual situação do país. As propostas feitas e as respostas dadas aos participantes nunca saíram da rama dos problemas, das promessas eleitoralistas sem possibilidade prática de cumprimento. Em nenhum momento surgiu a ideia aprofundada, a proposta inovadora, a argumentação convincente.

Se o debate se não alargou mais e ficou um bocado circunscrito aos jornalistas, não foi porque estes de alguma forma o impusessem. Foi porque poucas outras pessoas se inscreveram para participar. Até onde me apercebi a mesa deu a palavra a toda gente que a pediu e o tempo foi suficientemente vasto para que quem quisesse falar falasse.

Em resumo, não houve, da parte dos participantes, desvio dos objectivos da reunião. Se o houve foi da própria mesa.

Não houve exagerado protagonismo de quem participou. Houve talvez demasiada falta de protagonismo de quem estava lá e não pediu a palavra.

Não houve a consagração pública do veterano político, porque ele se mostrou desconhecedor das realidades nacionais e sem propostas capazes de mobilizar os presentes.

É disso que precisamos, se queremos que possa aparecer uma alternativa credível à Frelimo, que possa fazer o país entrar, de verdade, no pluralismo. Já vai chegando de espontaneísmos baseados em antigas glórias ou em novas ambições.

Os problemas do país são tão graves que quem o quiser governar vai ter que estudar seriamente e procurar soluções credíveis.

Senão, salmos da frigideira para cair no lume.